

ENSAIO¹: PESQUISA ATIVISTA E A QUESTÃO INSURGENTE DA LGBTFOBIA

Filipe Antonio Ferreira da Silva²

Ao escrever sobre minhas narrativas subjetivadas mediante minha identidade gay, me coloco também como um pesquisador e ativista da pauta LGBT+. Ao ingressar na UFPE, no Centro Acadêmico do Agreste, para o curso de Pedagogia, em 2011, as motivações evocavam a saída de casa, do interior da Mata Sul, uma cidade de pouco mais de 10 mil habitantes, ruralizada, mentalidades subalternas, patriarcais, preconceito e violência constantes com qualquer possibilidade de fuga ou desvio do cânone da cisheteronormatividade.

Mas sempre fui um pouco audacioso, e esperto também, e fiz da minha passagem pela graduação um local de resistência. As discussões forjadas sobre identidade, sexualidade, gênero, comportamento sexual e diferenças me eram atrativas, me faziam questionar o Sistema, mas sempre com respaldo e respeito, cautela, passos contados. Mesmo em um espaço acadêmico, há mentalidades conservadoras, obscuras, conservadoras, cristãs, que negam, ocultam ou simplesmente desejam fortemente a não existência, nesse caso, a minha EXISTÊNCIA e a de OUTROS/AS corpos inconformados, inapropriados, insubmissos, rejeitados, descartados, produzidos como não existentes.

Boaventura de Sousa Santos (2002), em seu clássico texto: sociologia das ausências e das emergências, provoca o cânone da colonialidade³ e sua razão metonímica⁴, abrindo

¹ Ensaio proposto pela Disciplina: Política, Movimentos Sociais e Processos de Subjetivação (2022), da UFPE, sob a coordenação do professor Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra Da Fonseca, do Programa de Pós-graduação em Psicologia.

² Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Mestre em Educação Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da UFPE. Licenciado em Pedagogia pela UFPE. e-mail: filipe.antonio20@hotmail.com.

³ A colonialidade é um dos elementos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo (Quijano, 2009, p. 73).

⁴ Que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se o faz, fá-lo apenas para as tornar em matéria-prima (Santos, 2006, p. 85).

fissuras e deslocamentos para novas possibilidades de existência, resistências. Desviando e desestabilizando as epistemologias forjadas como autênticas, verdadeiras, naturais, CIENTÍFICAS.

E Boaventura de Sousa Santos (2006) decreta:

Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como não existente, isto é, **como uma alternativa não-credível ao que existe**. O seu objecto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. O objectivo da sociologia das ausências é transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças (Santos, 2006, p. 102, grifo meu).

A sociologia das ausências é um caminho possível para desestabilizar a razão metonímica, pois a partir de uma perspectiva analítica e epistemológica as ausências produzidas e forjadas nas dicotomias da razão metonímica são (re)lidas e contam uma nova história, uma nova experiência e uma nova possibilidade de existência pela liberdade. São acionadas como reais, concretas e possíveis.

É credível a história das mulheres sem a dominação patriarcal dos homens, é possível viver a identidade, o desejo e o comportamento homossexual sem as regras e as normas do pensamento heterossexual. É possível uma escola que tenha em seu currículo uma educação não-sexista sem precisar produzir dualismo entre meninos e meninas.

E dentro desse caldeirão produzido como ausente, as identidades e pós-identidades LGBTs surgem como insurgentes, insubmissos. Desviam na norma e da regra, pautam outros cosmopolitismos ecológicos (Santos, 2006), outras heterotopias (Foucault, 2009). E desse deslocamento (Butler, 2019) a ecologia dos reconhecimentos⁵ (Santos, 2006) é um caminho ativamente produzido pela comunidade LGBT para romper com preconceitos, discriminações e violências.

⁵ As lutas feministas pós-coloniais, camponesas, dos povos indígenas, dos grupos étnicos, de gays e lésbicas trouxeram à ribalta um âmbito mais amplo de temporalidades e subjetividades, convertendo concepções não liberais de cultura num recurso indispensável para as **novas formas de resistência**, de formulação de alternativas e de criação de esferas públicas subalternas e insurgentes (2006, p.111).

É dentro desse ecologia sexual e de gênero que me coloco, me transbordo, sou possuído por uma epistemologia que é forjada no ativismo, no dia-a-dia, na escola, no grupo da igreja, no trabalho, na Universidade. A teoria Outra, a fala Outra, o comportamento Outro, a diferença Outra, a insurgência Outra que é produzida e é vivida, passível de luto e de resistência.

A pesquisa ativista, totalmente abissal ao pensamento colonial, patriarcal e sexista, me coloca no fogo de Salem, me reconhece, me tatua, me deixa vivo para lutar contra a doutrinação LGBTfóbica (Borrillo, 2010). É subjetiva, machuca, deixa cicatrizes. O ativismo é vivido na pele, tatua a pele. Viver, intensamente, uma luta diária, é propor sempre novas emancipações sociais, sexuais e de gênero. É tarefa árdua, comprometida. É pesquisa⁶ forjada nas relações sociais, com propósito, com rigor, com competência, com vida.

Propor uma imaginação epistemológica e democrática no seio da pesquisa ativista, é acima de tudo, desestabilizar a razão metonímica e sua postura de razão social e educacional. É assumir riscos, desafios e tensões, forjar novas epistemologias e subverter textos canônicos, que com o tempo, transformaram minha identidade, meu comportamento e meu desejo numa não existência, numa ABJEÇÃO (Butler, 2019).

Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé (2 Timóteo 4:7-8).

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do “sexo”. Editora N-1 Edições, 2019.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, as heterotopias**. Editora N-1 Edições, 2009.

⁶ Despensar, desresidualizar, desracializar, deslocalizar e desproduzir. A reconstrução é constituída pelas cinco ecologias (Santos, 2006, p. 115).

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: **Epistemologias do Sul**; Orgs. Boaventura de Souza Santos e Paula Menezes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Editora Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista crítica de ciências sociais, 63, outubro, 2002:237-280.

Submetido: 15/07/2023

Aprovado: 29/05/2024